

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: A QUESTÃO DA AUTORIA PARA UMA DESIGNAÇÃO BRASILEIRA¹

Ana Cláudia Fernandes Ferreira*

0. Introdução

Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado² que estamos desenvolvendo, a qual se integra ao projeto temático *História das Idéias Lingüísticas no Brasil: Ética e Política das Línguas*³. O objetivo de nossa pesquisa é estudar a história da constituição da *semântica argumentativa* no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, nos detendo, de modo particular, sobre a produção de dois semantistas brasileiros que mantiveram uma relação significativa com este domínio de estudos: Carlos Vogt e Eduardo Guimarães. Nossa pergunta é sobre o modo pelo qual se configura esta semântica na produção dos referidos autores, pensando nos diálogos teóricos que estes estabeleceram no interior deste domínio de estudos e entre outros campos do conhecimento. Um ponto fundamental para tratarmos desta questão é levar em conta a constituição da *semântica argumentativa* na sua relação com certas instituições universitárias brasileiras, em especial, com o espaço institucional onde se originou, e onde, na década de 1970, trabalhou o professor Oswald Ducrot, que é o Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As reflexões que traremos para o presente estudo se originaram da observação de que a designação *semântica argumentativa* não está presente no primeiro trabalho de Oswald Ducrot (1973) sobre a argumentação na língua. No entanto, ela pode ser vista em textos de Carlos Vogt, sendo enunciada diversas vezes já em sua tese de doutorado, Vogt (1974). Tendo isto em conta, traremos algumas informações institucionais para mostrar um pouco das condições de produção que instauraram a *semântica argumentativa* como uma disciplina, primeiramente na Unicamp e posteriormente em outras universida-

des. Faremos, também, uma análise enunciativa sobre um *corpus* de textos de autores diversos, buscando olhar para os imaginários que se produziram sobre esta designação⁴. Levaremos em conta um aspecto fundamental que é o funcionamento da autoria dentro de um movimento do saber que é perpassado pelas relações entre países colonizadores e colonizados.

1. Perspectiva teórica

Partiremos do modelo triádico de investigação histórica proposto por Sylvain Auroux (1985), o qual Jean Claude Chevalier e Simone Delesalle resumem nos seguintes objetivos: a) considerar “o jogo das instituições em que se inscreve a teoria lingüística” (1986: p. 10); b) refletir sobre “os acontecimentos contingentes que determinam de modo direto a adoção de um ou de outro modo de pesquisa” (*idem*); e c) considerar para a análise, tanto o eixo histórico, como o sincrônico, que, correspondentemente, de certa forma, ao que Auroux define como ‘horizonte de retrospectação’ e ‘horizonte de projeção’.

Abordaremos este modelo na perspectiva dos estudos da *história das idéias lingüísticas no Brasil*, não o tomando modularmente, mas considerando seus três pontos em inter-relação. Isto porque, para nós, há aspectos externos (institucionais e contingentes) que se materializam na interioridade dos textos, e há textos que afetam a exterioridade. Levar isto em conta significa dissolver uma modularidade pressuposta. Acrescentamos ainda que a relação entre interioridade e exterioridade que apresentamos está aí apenas por razões de ordem explicativa. Para nós, a exterioridade é constitutiva do texto, não havendo, por isso, um binômio interioridade/exterioridade.

2. As origens da lingüística e da *semântica argumentativa* na Unicamp

O estruturalismo estava no seu auge, a ditadura militar no Brasil, também, e a Universidade Estadual de Campinas ainda era chamada de UEC, quando, em 1968, é apresentado o projeto do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) que incluía a lingüística⁵. A lingüística aí incluída era a ciência piloto para as ciências humanas do IFCH, e, além disso, uma lingüística matemática. O papel da lingüística como ciência piloto não se efetivou, por diversos motivos, no IFCH. Neste texto, não nos deteremos em maiores detalhes. A lingüística matemática também não se efetivou, e isto se deu, principalmente, porque o professor responsável por seu desenvolvimento, Yves Gentilhomme, não permaneceu

no Brasil. Seu substituto foi Oswald Ducrot, que veio ao Brasil em 1971, e participou da constituição da Pós-Graduação em lingüística nesta universidade. Na história da lingüística na Unicamp, o espaço para o desenvolvimento da *semântica argumentativa* está marcado por este acontecimento contingente⁶.

A designação *semântica argumentativa*, como dissemos na introdução, não aparece no primeiro trabalho de O. Ducrot (1973) sobre a argumentação na língua: “Les Échelles Argumentatives”. Teremos, sob a forma de comentário do autor a este artigo, na apresentação de *La Preuve et Le Dire* (Ducrot, 1973)⁷, uma referência ao texto como sendo ‘o esboço de uma teoria geral da argumentação’⁸. Já no interior do artigo, o domínio teórico se define como ‘**semântica lingüística**’; ‘**nosssa teoria dos dois componentes**’; e ‘**teoria argumentativa**’, sendo que esta última definição é enunciada duas vezes, estando precedida pelas preposições ‘na’ e ‘da’. Embora se tenha enunciado (a) ‘teoria argumentativa’ neste texto, não há, nele, um nome atribuído a esta teoria da argumentação. Isso é feito posteriormente, após a *semântica argumentativa* ter se tornado nome de disciplina no Brasil.

No ano seguinte à publicação de seu livro e sob sua orientação, Carlos Vogt (1974) defende sua tese de doutorado. Pela leitura que fizemos desta tese, notamos que ela estabelece diferenças significativas com relação à teoria ducrotiana, mas que, apesar disso, não rompe o diálogo com esta teoria. Como foi dito na introdução de nosso trabalho, este é o primeiro texto em que se apresenta a designação *semântica argumentativa*. Tal designação pode ser observada, aliás, no próprio título da tese, *O Intervalo semântico. Contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. Podemos vê-la, também, diversas vezes, no seu interior, sempre acompanhada do artigo indefinido ‘uma’. Acompanhada de ‘uma’, esta designação funciona como um pré-construído que retoma, por paráfrase, e enquanto **contribuição**, ‘o esboço de uma teoria geral da argumentação’; ‘semântica lingüística’; e ‘a teoria argumentativa’. Ou seja, esta designação funciona num espaço de dizer já existente.

Em 1975, Vogt se torha livre docente, e passa a ser o professor responsável por uma nova disciplina, criada no mesmo ano, cujo nome é *semântica argumentativa*⁹. Ao nos perguntarmos pelas condições de possibilidade deste acontecimento, não podemos considerar que ele se deve apenas ao funcionamento desta designação em remissão ao trabalho de O. Ducrot. Este funcionamento é muito relevante, no entanto, há mais a se dizer sobre sua história.

A disciplinarização da *semântica argumentativa* se dá no contexto da formação do Departamento de Lingüística, que tinha, então, cinco anos. Naquele momento, estavam envolvidos na tarefa de sua constitui-

ção, docentes que aí lecionavam. Cabe assinalar, novamente, que não havia, ainda, um nome dado à teoria da argumentação nos estudos de O. Ducrot. Tal teoria era tão nova quanto este departamento.

Antes de 1975, os nomes das disciplinas de semântica, nesta instituição, eram bem genéricos. No caso dos cursos de graduação, as disciplinas eram *semântica I, II, III e IV*; e nos cursos de pós-graduação, havia *tópicos de semântica e tendências da semântica contemporânea*¹⁰. Estas formas de designar podiam recobrir, por exemplo, a *semântica formal*, a *semântica interpretativa* e a *semântica gerativa*. Um modo de designar bastante usado nos textos de O. Ducrot, que é *semântica lingüística*, também podia recobrir estas outras semânticas. A eficácia de *semântica argumentativa* está em que ela, não só funciona num espaço de dizer já existente, na filiação com a teoria ducrotiana, como foi mostrado a pouco, como também estabelece uma relação de oposição com estes outros tipos de semântica. Ou seja, sua eficácia é histórica. E não é fora de propósito lembrar, a esse respeito, que o objeto de estudo da dissertação de mestrado de C. Vogt (1971) é, justamente, o debate entre a *semântica gerativa* e a *semântica interpretativa*, o qual, como o próprio autor comentará posteriormente, era uma controvérsia “*palpitante nas discussões dos meios lingüísticos da época*” (Vogt, 1998, p. 11).

A disciplinarização da *semântica argumentativa* é um exemplo da possibilidade existente, neste espaço institucional, de se criar nomes para disciplinas, e não apenas copiar nomeações já dadas por outras instituições. A possibilidade de uma política de criação de disciplinas, a nosso ver, encontra sustentação na própria concepção do papel da lingüística na instituição. Nos planos de sua criação, a lingüística matemática era concebida como “*o lugar de eleição para o trabalho interdisciplinar nas Ciências do Homem*”¹¹.

A interdisciplinaridade, num contexto de policiamento ideológico, parece ser uma arma importante, pois não pressupõe um direcionamento teórico específico. Ao contrário, ela permite, pelo argumento de que é constitutiva da ciência, a entrada de uma variedade de linhas de investigação. A interdisciplinaridade “dirigida” por uma lingüística matemática, a que nos referimos anteriormente, sustentaria, de forma excepcional, a entrada dos estudos das Ciências Humanas na Unicamp, os quais apareceriam pelo espelho das Ciências Exatas e Tecnológicas, não comprometendo o projeto de sua instalação e afastando, aparentemente, certos “fantasmas” indesejáveis para o Estado.

Se não podemos dizer que esta interdisciplinaridade tenha funcionado para as outras ciências, no caso da disciplina “dirigente”, ela teve consequências muito significativas. A qualidade de interdisciplinar deu uma dimensão maior à própria lingüística enquanto espaço da matematiza-

ção, ultrapassando-a e possibilitando a entrada de outras formas de se trabalhar com a linguagem. O argumento da interdisciplinaridade é interessante porque ele permite a abertura para o novo.

A implantação da *semântica argumentativa* como disciplina foi um fato extremamente importante para a constituição de um campo de estudos com este nome, bem como para sua projeção para outras instituições.

Em relação à constituição de um campo de estudos a *semântica argumentativa* passa a significar, não apenas pela tese de C. Vogt, mas também pela disciplina, estabelecendo, efetivamente, um espaço de indagações mais amplo que o do trabalho deste autor. Ou seja, a existência deste campo disciplinar institucionalizado permite integrar, no seu interior, estudos de outros lingüistas, do Brasil e de fora do Brasil.

Em relação à projeção para outras instituições, ela tem relação, ao nosso ver, com as condições históricas que ocasionaram um reconhecimento, na Unicamp, dos trabalhos produzidos no âmbito dos estudos de linguagem. Desde a sua criação, o Departamento de Lingüística, vinha agregando docentes que produziam em diferentes áreas da lingüística. Com a criação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), já havia um número bastante significativo de disciplinas. O IEL passou a ser um centro de referência importante de estudos lingüísticos e literários no Brasil e no exterior. A projeções *semântica argumentativa* para diversas instituições dentro e fora do país é um bom exemplo dessa importância.

Em trabalhos produzidos na Unicamp e em outras instituições, a autoria da designação, não pôde, por muitas vezes, ser percebida. Mesmo quando se procurou indicar sua autoria, a referência a ela aparece, quase sempre, de maneira indireta. Para que se pudesse referir a esta autoria diretamente, seria necessária uma pesquisa que lhe desse melhor precisão, como a que estamos fazendo neste trabalho.

Mas se assim o é, é que funcionam aí efeitos de sentido que atravessam estes textos e produziram um certo silêncio¹². Desse modo, nosso trabalho vai na direção de perguntas como: Quais os sentidos deste reconhecimento e os sentidos deste silêncio? Como eles funcionam e se relacionam? Quais seus efeitos? Em torno destas questões, procuramos analisar recortes discursivos de textos de vários autores, para compreender um pouco os modos pelos quais estes efeitos de sentido significam em suas produções.

3. A *Semântica argumentativa* em outros textos

Em 1978, Anscombe e Ducrot (1981), ao retomar o que Eggs diz sobre a relação da *Retórica* e dos *Tópicos* de Aristóteles com a teoria da argumentação na língua, afirmam:

“Aproximando a semântica argumentativa recente da Retórica e dos Tópicos de Aristóteles, Eggs (1978) assinala que nossa Lei de Negação retoma o ‘lugar dos contrários’ freqüentemente enunciado por Aristóteles” (Anscombe & Ducrot, p.101)¹³

Como se vê, de alguma forma, já está em um texto de Ducrot a designação *semântica argumentativa*.

Em “Indicações para **uma análise semântico-argumentativa** das conjunções *porque, pois e já que*”, Vogt (1976), publicado, posteriormente, em *Linguagem, pragmática e ideologia*, (Vogt,1980), a *semântica argumentativa* apresenta-se na forma de ‘uma análise semântico-argumentativa’. No interior do artigo, o autor relata que tal trabalho “foi diretamente inspirado pela pesquisa que fizeram o professor Ducrot e professores de francês e de matemática – *o grupo de lógica e linguagem*”. (1980: p. 44).

Em Vogt & Ducrot (1979), também presente e traduzido no livro supracitado, há um trecho que se inicia do seguinte modo:

“Numa concepção argumentativa da semântica...”. (1980: p.115).

Podemos notar que não se afigura, neste fragmento de texto, a forma sintática que constitui a designação *semântica argumentativa*. Apesar disso, vemos esta designação comparecer, efetivamente, sob uma forma parafrástica. Já na nota introdutória que apresenta este livro, temos:

“...o que se propõe ao longo destes artigos é uma concepção da semântica das línguas naturais que não pode ser dissociada de um estudo pragmático. A esse domínio complexo da significação da linguagem humana dá-se o nome de semântica argumentativa e é por isso que os trabalhos que aqui aparecem têm como interlocutor privilegiado a obra, hoje vasta, do prof. Oswald Ducrot e, numa escala menor, o meu próprio livro de 1977, O Intervalo semântico – contribuição para uma teoria semântica argumentativa”. (p.VIII)

A enunciação do ‘se’ impessoal em ‘dá-se o nome de semântica argumentativa’, produz a diluição do autor da designação. O nome ‘semântica argumentativa’ produz um escopo de definição para ‘o domínio complexo da significação da linguagem humana’, tal como descreve o autor. Este nome assim definido funciona como argumento para tomar a obra de Ducrot ‘como interlocutor privilegiado’, e o seu ‘próprio’ livro

‘numa escala menor’. Na referência a este livro, que é a edição da tese de 1974, e cujo título vem citado por completo, a primeira pessoa emerge. E ela emerge marcando a autoria de um trabalho que se apresenta enquanto contribuição.

Também cabe observar que o domínio nomeado de ‘semântica argumentativa’ recobre todos os trabalhos reunidos no livro, inclusive aquele artigo escrito com Ducrot, em que a *semântica argumentativa* se apresenta sob a forma da paráfrase ‘numa concepção argumentativa da semântica’. Ou seja, esta operação de recobrimento torna possível chamar o domínio teórico do artigo de Vogt & Ducrot pela nomeação ‘semântica argumentativa’, mesmo que, no próprio texto, isso não tenha sido feito.

Em “Para uma pragmática das representações”, último artigo deste livro, nos interessa o seguinte fragmento:

“... *Semântica argumentativa é outro nome que se poderia dar, como eu o fiz (Vogt, 1977)*”. (1980: p. 139).

Vemos aqui, a autoria da designação deste domínio de estudos ser enunciada em primeira pessoa, como um nome ‘que se poderia dar’. Esta enunciação marca, na história, o reconhecimento desta autoria, pelo seu próprio autor, numa maneira direta: ‘como eu o fiz (Vogt, 1977)’. Neste trecho, também há uma remissão ao livro *O Intervalo semântico*, e não à tese. Nos dois casos, o livro aparecendo como a produção a que se faz referência (mesmo que o seu conteúdo seja o mesmo que o da tese, com ligeiras modificações), mostra que a citação do livro garante uma maior legitimidade para justificar a autoria da designação em primeira pessoa.

Na Dissertação de Mestrado de João Wanderley Geraldí (1978), trabalho que se desenvolveu sob a orientação de Carlos Vogt, temos:

“...*é no interior da concepção de descrição semântica comportando um componente lingüístico e um componente retórico que Ducrot elabora os conceitos básicos da semântica argumentativa*”. (1978: p. 170)

Podemos observar que a designação *semântica argumentativa*, enunciada no Brasil, não se inscreve, quanto ao domínio referido, em relação a uma autoria brasileira. A *semântica argumentativa* é apresentada como o domínio de estudos, que, enquanto tal, direciona a atribuição da designação ao autor que elabora conceitos básicos para este domínio.

Já no artigo de Rodolfo Ilari (Ilari, 1983), autor que também fez parte da constituição do Departamento de Linguística da Unicamp e que produziu seus estudos sob filiação de uma semântica formal, há um modo de atribuição de autoria que segue um traçado linguístico bem interessante:

“O leitor está provavelmente familiarizado com a escola semântica conhecida como ‘semântica argumentativa’, uma linha de investigação que se desenvolveu entre nós a partir de 1970, sob a influência dos cursos e dos escritos de Oswald Ducrot, e que teve momentos mais significativos, enquanto investigação da língua portuguesa, O Intervalo semântico (Vogt, 1977) e Linguagem, pragmática e ideologia (Vogt, 1980).

(...) A noção de escala, alegam os autores da semântica argumentativa, é indispensável para explicar o papel de certas partículas”. (1983, p. 95).

O ‘conhecida como’ e o ‘nós’, neste texto, delimitam o conjunto daqueles para os quais a “semântica argumentativa” é ‘conhecida’. O autor, que trabalha numa escola semântica conhecida como “semântica formal”, como já dissemos, coloca-se ‘entre’ o ‘nós’ que a ‘conhece’ enquanto tal, mas não ‘entre’ o ‘nós’ que a ‘desenvolveu’. Isso é melhor apreendido pela observação do fragmento ‘alegam os autores da semântica argumentativa’, em que não se tem mais um ‘nós’. No seu lugar, vemos aparecer ‘os autores’.

Podemos notar que, mesmo de uma maneira indireta, não se deixa de atribuir a autoria à designação *semântica argumentativa*. Esta atribuição de autoria à designação, implícita no ‘conhecida como’, é remetida às obras de Vogt, consideradas como aquilo que ‘teve momentos mais significativos, enquanto investigação da língua portuguesa’. O ‘teve’, situa a “semântica argumentativa” num passado, dentro do qual, são as investigações de Vogt os seus ‘momentos mais significativos’.

Podemos dizer que os cursos e escritos de Oswald Ducrot também não fazem parte do ‘nós’ que desenvolveu a “semântica argumentativa”. Seus cursos e escritos são considerados ‘a influência’ para o desenvolvimento dessa escola. Vemos, então, que este modo de apresentar a “semântica argumentativa” exclui a possibilidade de designar por este nome a obra de O. Ducrot e de considerar que a linha de investigação ‘conhecida como “semântica argumentativa”’ recubra tanto a produção brasileira quanto a francesa.

O primeiro texto no qual Eduardo Guimarães (1983) enuncia ‘semântica argumentativa’ foi apresentado em novembro de 1981, no VI En-

contro Nacional de Linguística na PUC-RJ. O autor já havia trabalhado com a questão da argumentação em outros textos, mas esta designação não aparecia. Isso é extremamente significativo, porque é no ano de 1981 que Guimarães passa a ser professor do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Citaremos uma das seis vezes em que tal designação aparece no referido artigo:

“Chamamos aqui de orientação argumentativa, o que a semântica argumentativa (Ducrot, Anscombre, Vogt, Geraldí e Guimarães, por exemplo) chama argumentação”. (1983: p. 69).

É interessante observar que, neste caso, diferentemente da configuração apresentada no trabalho de Ilari, a citação de nomes de autores brasileiros e franceses os inclui, pelo parêntesis, dentro deste domínio. A ‘semântica argumentativa’ designa, aí, o campo de estudos destes autores. O parêntesis dispersa a autoria, ao mesmo tempo em que, a ordem dos autores mencionados remete esta autoria com maior força ao primeiro autor citado que é Ducrot.

Enquanto neste momento, não se vê, nos trabalhos de Guimarães, uma referência à autoria brasileira da designação, mas à autoria dos estudiosos que fazem parte desse domínio teórico, a partir da década de 1990, podemos observar um modo de se atribuir autoria a este nome que remete ao Brasil. Podemos conferir este fato em Guimarães (1995):

“Na linha dos trabalhos de uma semântica da enunciação, encontramos o que no Brasil temos chamado de semântica argumentativa. (...)

Com o objetivo de configurar o específico deste tipo de semântica, passemos pela formulação que Ducrot dá das relações argumentativas no seu ‘As Escalas Argumentativas’ (1973). A partir desta formulação daremos em seguida, a configuração mais atual da semântica argumentativa na forma que Ducrot lhe vem dando nos últimos anos” (p. 49 e 50).

Em uma nota de rodapé relacionada com este trecho:

“Decisiva na constituição da semântica argumentativa é o estudo sobre a comparação de C. Vogt (1977). Tão mais importante quando se leva em conta que a escalaridade envolve relações de natureza comparativa, mesmo que não se trate da construção comparativa” (p. 50).

No fragmento ‘o que no Brasil temos chamado de semântica argumentativa’ remete-se ao conjunto de autores brasileiros que trabalham na linha do que Guimarães tem chamado de semântica da enunciação. A autoria do nome *semântica argumentativa* aparece dispersa neste conjunto do ‘(nós) no Brasil’. Mas ela é remetida, indiretamente e em rodapé, ao autor Vogt, através de seu estudo sobre a comparação. Além disso, mais do que a autoria do nome, há uma remissão à autoria do próprio domínio de estudos, para o qual o estudo de Vogt é tomado com ‘decisivo’ na sua constituição¹⁴.

A linha de estudos designada no Brasil como semântica argumentativa, também recobre os trabalhos de Oswald Ducrot, recobrindo, inclusive, um outro estudo decisivo para sua constituição, “As Escalas argumentativas”, que é anterior à própria designação que lhe confere este lugar.

A nosso ver, a possibilidade de fazer referência, mesmo que indireta, neste caso, parece ter relação com o projeto *História das Idéias Linguísticas no Brasil*, criado neste período. Não que esta possibilidade de dizer tenha se dado pelo projeto, necessariamente, mas que este projeto é parte dessas condições de possibilidade, e que ele torna possível dizer de uma maneira específica. Isso pelo fato de seu objeto de estudo ser a reflexão da construção de um saber metalinguístico no Brasil. Assim, a pesquisa aí desenvolvida produziu, como ainda produz, condições outras de construção e formulação do conhecimento, abrindo espaço para se dizer sobre a produção do conhecimento – a Ciência – no Brasil.

4. A Semântica argumentativa em instituições do Brasil e de outros países

São várias as instituições brasileiras onde a *semântica argumentativa* tornou-se disciplina. Podemos citar, por exemplo, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; a Universidade Estadual de Londrina; a Universidade do Sul de Santa Catarina e a Universidade Federal de Santa Catarina. O curso de letras desta última Universidade, por exemplo, tem, em seu currículo, as disciplinas optativas semântica argumentativa I e semântica argumentativa II. Vejamos o que mostram as ementas¹⁵:

“SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA I. Definições de argumentação. Entinemas. Operadores Argumentativos. Pressupostos e Subentendidos. Polifonia”.

“SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA II. Argumentação e informação. O conceito de topos. Gradualidade. Formas tópicas. Modificadores Argumentativos”.

Os tópicos destas ementas permitem visualizar diferentes momentos das formulações teóricas ducrotianas. É interessante destacar que “Pres-supostos e subentendidos”, por exemplo, é o nome exato de um texto de Ducrot, publicado em 1969, na *Langue française*¹⁶. Ou seja, é um trabalho anterior ao de Ducrot sobre a argumentação, mas que também se reconhece como parte da *semântica argumentativa*.

Podemos ver esta designação aparecer em outros países, como Argentina, Espanha, Hungria, Noruega, Estados Unidos e França. Como produção na Argentina, há, por exemplo, um texto de Maria Marta Garcia Negroni (Negroni, 1999), professora da Universidade de Buenos Aires (UBA), cujo título é “Las Expresiones de alto grado. Su lugar en **una semántica argumentativa**”. Este artigo foi publicado no volume I da *Revista brasileira de letras*. Vinculado à Espanha, está o artigo “Esbozo de una teoría dinámica de la lengua en el marco de **una semántica argumentativa**”, de Marta Tordesillas e Patricia Martínez (Martínez & Tordesillas 1998), professoras da Universidade Autónoma de Madrid. Este texto foi publicado na Argentina por uma revista especializada da UBA, *Signo & seña*. É interessante acrescentar que, na Instituição de Madrid, no segundo período de 1999, foi ministrada por M. Tordesillas, uma disciplina chamada “Trabajo de investigación en el area de **semántica argumentativa**”¹⁷.

Vale citar, também, um artigo publicado em 1988, em Trondheim na Noruega, com título de “**Argumentative semantics** and interpretation of referential relations”, por Lita Lundquist¹⁸. Outro estudo que podemos citar é “Polyphony and **argumentative semantics**”, publicado no MIT, em Cambridge nos Estados Unidos, por Jean-Michel Grandchamp (1995), doutorando pelo LIMSI-CNRS¹⁹, em Orsay, na França.

Na Universidade de Pécs (Pécsi Tudományegyetem) na Hungria, há uma disciplina com o nome de *sémantique argumentative*. A ementa desta disciplina, correspondente ao biênio 2003-2004²⁰, é a seguinte:

“Sémantique argumentative

Kreditálk kód: FRKN201400; FRAN201400

előadás és szeminárium 2/2 *Simonffy Zsuzsa*

Aperçu general d'une des tendances de la linguistique contemporaine, basée sur l'opposition entre valeur informative et valeur argumentative des unités linguistiques”.

Esta ementa apresenta uma questão central colocada por esta ‘tendência da lingüística contemporânea’, que é ‘a oposição entre o valor informativo e o valor argumentativo das unidades lingüísticas’. Seu aspecto geral funciona ao lado dos sentidos historicizados da *semântica argumen-*

tativa, produzidos **por** outros espaços de dizer, enquanto designação, domínio de estudos e disciplina. Ela significa **por** sentidos já significados. Ao mesmo tempo, significa **neste** outro espaço de dizer específico, e, também, faz sentido **aos** sentidos já significados.

Por fim, a designação *semântica argumentativa* comparece, também, em textos mais recentes de Oswald Ducrot, como, por exemplo, em Carel & Ducrot (1999), editado em português, na revista *Línguas e instrumentos lingüísticos*, de 2001. Ela é enunciada no título do artigo, “O Problema do paradoxo em **uma semântica argumentativa**”²¹, e no interior deste artigo, numa discussão sobre os ‘enunciados semanticamente paradoxais’:

“...Gostaríamos de mostrar que longe de ser contra-exemplos à **semântica argumentativa**, eles são previsíveis a partir dela, e que têm propriedades lingüísticas específicas” (Carel & Ducrot, 2001, p. 11)²².

No título do trabalho, o artigo indefinido ‘uma’ precede ‘semântica argumentativa’, mas, no seu interior, este ‘uma’ cede lugar para o artigo definido ‘a’. Não há, efetivamente, nenhuma referência desta designação a um autor, e nem ao Brasil. Vemos, então, um texto no qual seus autores podem enunciar sem fazer referência ao Brasil e a uma autoria brasileira. Vê-se que, Oswald Ducrot ocupa o espaço de dizer estabelecido pelo pré-construído da tese de Vogt, mas, ao mesmo tempo, a entrada do nome no trabalho de O. Ducrot marca, nele, o lugar do autor Vogt na história.

5. Considerações Finais

Nosso estudo destes recortes discursivos mostra que os sentidos não significam apenas pela existência das palavras que estão nos textos. A ausência da designação *semântica argumentativa* nos primeiros estudos de Ducrot sobre este assunto, não é visível. Isso porque a língua é opaca, constitutivamente, e os sentidos são atravessados por relações outras que os fazem significar, na opacidade dessa língua.

A inexistência da designação *semântica argumentativa* no texto que funda a teoria da argumentação na língua não impede que se designe o trabalho de Ducrot com este nome. O silêncio da autoria da designação brasileira não a apaga, a silencia, e não completamente.

É assim que podemos ver a designação *semântica argumentativa* da tese de Vogt de 1974 abranger, atualmente, uma heterogeneidade de sentidos construídos historicamente. Ela circula como domínio de estudos e como disciplina de modos diferentes, recobrando

autorias diferentes. Podemos dizer que há várias *Semânticas Argumentativas* significando por esta designação brasileira, as quais, também a significam.

Notas

* Mestranda em lingüística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

¹ Uma primeira versão deste trabalho, que teve o título “A Semântica argumentativa enquanto designação de um domínio de estudos e enquanto disciplina institucionalizada”, foi apresentada no primeiro dia do 51º Seminário do GEL, realizado em Taubaté nos dias 22, 23 e 24 de maio de 2003.

Gostaria de registrar meu agradecimento à professora Claudia Castellanos Pfeiffer (minha orientadora), pelos valiosos comentários e observações críticas que contribuiriam largamente para o desenvolvimento deste trabalho (tanto em sua versão anterior, mais resumida, como na versão apresentada agora); e ao professor Eduardo Guimarães (meu orientador na graduação), pelas produtivas discussões que tivemos durante as reuniões de trabalho em 2002. De uma destas discussões surgiu a curiosidade pela questão da autoria na designação ‘semântica argumentativa’.

² Este projeto, cujo título é *A Semântica Argumentativa no Brasil nas Décadas de 70 e 80*, tem o apoio da Fapesp (processo 02/12649-7).

³ Projeto que tem o apoio do acordo Capes/Cofecub.

⁴ Nossa perspectiva teórica no interior do projeto História das Idéias Lingüísticas se filia aos pressupostos da análise de discurso (na linha de Eni P. Orlandi e Pêcheux, por exemplo) e à abordagem teórica dos estudos de Eduardo Guimarães em sua semântica histórica da enunciação e em seus trabalhos posteriores.

⁵ Dados consultados nos processos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do ano de 1968, do Arquivo Central do SIARQ (Sistema de Arquivos da Unicamp).

⁶ Contingente no sentido estrito de que o professor O. Ducrot veio ao Brasil para ocupar um lugar que não fora previsto para ele. Evidentemente, no sentido das condições de produção de um país e de outro, da existência de contextos institucionais e políticos na história desses países, sua vinda não tem nada de contingente. Em outras palavras, para nós, o acontecimento contingente existe dentro de possibilidades históricas determinadas.

⁷ Livro que reúne desde primeiros estudos do autor sobre lógica e linguagem, até o próprio “*Les Échelles argumentatives*”. O título do livro em português é *Provar e dizer* e do artigo, “*As Escalas argumentativas*”. A edição brasileira desta obra é de 1981.

⁸ Este grifo e os grifos posteriores são nossos.

⁹ Dados consultados no Catálogo de Pós-Graduação da Unicamp de 1974 e no Boletim de Notas e Freqüências de 1974 e 1975 do Arquivo Central do SIARQ (Sistema de Arquivos da Unicamp).

¹⁰ Dados consultados nos Catálogos de Graduação da Unicamp de 1973 a 1976 e Catálogos de Pós-Graduação da Unicamp de 1974 e 1976.

¹¹ Este fragmento de texto foi retirado dos processos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, num documento de 1969, que dá indicações de ter sido elaborado por Fausto Castilho, responsável pelo projeto de criação de um grupo de lingüística no IFCH.

¹² Procuramos, neste trabalho, abordar a questão do silêncio, sob inspiração de uma leitura, ainda inicial de *As Formas do silêncio. No Movimento dos sentidos*, de Eni P. Orlandi (Orlandi, 2002).

¹³ O trecho que citamos, corresponde, em francês, à seguinte parte do texto de 1978, “*Lois logiques et lois argumentatives*”: *Rapprochant la sémantique argumentative recen-*

te de la *Rhetorique* et des *Topiques* d'Aristote. Eggs (1978) signale que notre *Loi de Négation* reprend le "lieu des contraires" souvent énocé par Aristote". Este texto foi publicado em português em Ducrot (1981).

¹⁴ Nesta década de 1990, outros autores também passaram a se referir à semântica argumentativa como uma designação brasileira. Esta questão também será retomada, mais demoradamente, em outro trabalho que estamos desenvolvendo.

¹⁵ Estas ementas foram consultadas na página desta Universidade na internet, no seguinte endereço eletrônico: (www.llv.cce.ufsc.br/ementas1.htm).

¹⁶ "Pré-supposés et sous-entendus". *Langue française* – La sémantique. Paris: n° 4. A questão da pressuposição, já colocada neste texto, é posteriormente retomada e trabalhada com a questão da argumentação.

¹⁷ Esta informação foi obtida na internet, pelo seguinte endereço eletrônico: (www.uam.es/centros/filoyletras/doctorado/lenguafrancesa.html).

¹⁸ Professora titular do Departamento de Estudos Franceses, Italianos e Russos da Universidade de Altos Estudos Comerciais de Copenhagem (Handelshøjskolen) na Dinamarca, desde 1992. Obtivemos esta informação na internet, pelo seguinte endereço eletrônico: (www.cbs.dk/departments/fir/l_fr.html).

¹⁹ Esta informação foi obtida na internet, pelos seguintes endereços eletrônicos: (www.limsi.fr/Bibliotheque/PublicationsWEB/PubChm95.html e www.limsi.fr/ANNUAIRE/).

²⁰ Esta ementa foi consultada na internet, no seguinte endereço eletrônico: (www.btk.pte.hu/tanrend/cuccok/kurzusok/regikod/fra.pdf).

²¹ O título em francês é: "Le Problème du paradoxe dans une sémantique argumentative".

²² Artigo publicado na *Langue française*, e na internet, no seguinte endereço eletrônico: (www.ehess.fr/centres/celith/CarelDucrotParadox.html). O trecho que citamos corresponde, em francês, à seguinte parte do texto da internet: "... *Nous voudrions montrer que loin d'être des contre-exemples à la sémantique argumentative, ils sont prévisibles à partir d'elle, et qu'ils ont des propriétés linguistiques spécifiques*".

Referências Bibliográficas

ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, Oswald. *L'Argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1981.

AUROUX, Sylvain & CHEVALIER, Jean-Claude. *Rapport de synthèse*. Mimeo, 1985.

CAREL, Marion & DUCROT, Oswald. "Le Problème du paradoxe dans une sémantique argumentative". *Langue Française*, setembro, 1999. E na internet: (www.ehess.fr/centres/celith/CarelDucrotParadox.html).

_____. "O Problema do paradoxo em uma semântica argumentativa". *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, n° 8, 2001.

_____. Catálogo dos Cursos de Graduação da Unicamp. Campinas: Unicamp, 1973.

_____. Campinas: Unicamp, 1974.

_____. Campinas: Unicamp, 1975.

_____. Campinas: Unicamp, 1976.

- CHEVALIER, Jean-Claude & DELESALLE, Simone. “Méthode et épistémologie en histoire de la linguistique”, *La Linguistique, la grammaire et l'École 1750-1914*. Paris: Armand Colin, 1986.
- DUCROT, Oswald. *La Preuve et le dire*. Maison Mame, 1973.
- _____. *Provar e dizer*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. & VOGT, Carlos. “De Magis a mais. Une hypothèse sémantique”. *Revue de linguistique romane*. Lyon/Strasbourg, n° 171-172, tomo 43, 1979.
- GERALDI, João Wanderley. *Se a semântica fosse também pragmática... ou para uma análise semântica dos enunciados condicionais*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, 1978.
- GRANDCHAMP, Jean-Michel. “Polyphony and argumentative semantics”. *33rd Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*. MIT, Cambridge, USA, 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. “Tópico e argumentação na constituição do texto”. *Letras*. Campinas: Puccamp, n° 1, v. 2, 1983.
- _____. *Os Limites do sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. & ORLANDI, Eni P. “Unidade e dispersão: Uma questão do texto e do sujeito”. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- ILARI, Rodolfo. “Dos Problemas de imperfeita simetria”. *Ensaio de lingüística. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, n° 9, 1983.
- INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. *Boletim de Notas e Freqüências*. Campinas: 1974. Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp, DAC III – PG, cx 19, mç 08.
- _____. *Boletim de Notas e Freqüências*. 1975. Campinas: Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp, DAC III – PG, cx 20, mç 01.
- _____. *Organização*. 1967, 1968, 1969, 1971, 1975, sd. Campinas: Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp, SGI/AH-III cx 5 mç 01.
- LUNDQUIST, Lita. “Argumentative semantics and interpretation of referential relations”. *Trondheim papers in applied linguistics*. Universitetet i Trondheim, 1988.
- MARTÍNEZ, Patricia & TORDESÍLLAS, Marta. “Esbozo de una teoría dinámica de la lengua en el marco de una semántica argumentativa”. *Signo y seña*. Buenos Aires: Instituto de Lingüística. Facultad de Filosofía y Letras. UBA, n° 9, 1998.
- NEGRONI, Maria M. G. “Las Expresiones de alto grado. Su lugar en una semántica argumentativa”. *Revista brasileira de letras*. UFSCAR, n° 1, 1999.

ORLANDI, Eni P. (1992) *As Formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 5ª ed., 2002.

_____. “Do Sujeito na história e no simbólico”. In: *Escritos*. Contextos epistemológicos da análise de discurso. Campinas, Labeurb – Nudecri, nº 4, 1999.

PÊCHEUX, Michel. “Delimitações, inversões, deslocamentos” (1982) *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: IEL, nº 19, 1990.

VOGT, Carlos. *Une introduction du probleme de la semantique dans le grammaire générative*. Dissertação de Mestrado. Besançon, 1971.

_____. *O Intervalo semântico. Contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. Tese de Doutorado. Campinas/Paris: IFCH, 1974.

_____. *O Intervalo semântico. Contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. “Oswald Ducrot e a Unicamp: Uma visão pessoal”. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: IEL, nº 35, 1998.